

CARLOS DE ASSUMPÇÃO

# Não pararei de gritar

*Poemas reunidos*

*Organização*

Alberto Pucheu



COMPANHIA DAS LETRAS

# Sumário

## PROTESTO (1982)

- Tambor, 11
- Crime, 12
- Questão de sorte, 13
- Pés brancos sobre estrelas, 14
- Meu quilombo, 15
- Identidade, 16
- Inocência, 17
- Pedras, 18
- Fênix, 19
- Alma branca, 20
- Rebeldia, 21
- Mãe, 22
- Tema de Natal, 24
- Poema verídico, 26
- Tambor II, 28
- Ponte de ouro, 29
- Eclipse, 30
- Amanhecer (anoitecer), 32
- Resistência, 34
- Protesto, 35
- Aleluia, 40
- Mulher negra, 42
- O sorriso de São Benedito, 44
- Meus avós, 46

Canção, 53  
Autorretrato, 56

#### QUILOMBO (2000)

Presença, 59  
Batuque (dança afro-tieteense), 61  
Neste mundo, 64  
Poema do amargo cotidiano, 65  
Prece, 67  
Que negros somos nós, 68  
Baticum do boia-fria, 71  
13 de maio, 73  
Arco-íris, 74  
Rotina, 75  
É preciso que saibamos, 76  
Linhagem, 77  
Raízes, 78  
Canção de amor, 80  
História, 84  
Quinhentos anos, 85  
Samba de roda, 86  
Tema cristão, 88

#### TAMBORES DA NOITE (2009)

Minha luta, 93  
Cavalo dos ancestrais, 95  
Indignação, 97  
Complexo, 98  
Dilema, 100  
Destituição, 101

Encontro, 103  
O caso de tia Ana, 104  
Elegia ao velho rio, 105

#### PROTESTO E OUTROS POEMAS (2015)

Estereótipos, 109  
Noite feliz, 110  
Cabelo, 111  
Eu sou negro, 112  
Quando Zumbi voltar, 113  
Estão matando, 115  
Indenização, 116  
Eu, 117  
Mães da Baixada Fluminense, 119  
Dito, 121  
Como diriam, 122  
Patrício, 123  
Branqueamento, 124  
Poema adaptado, 125  
Berimbau, 126  
Salada (quadrinhas), 128

#### POEMAS ESCOLHIDOS (2017)

Esses fanáticos, 131  
Madame, 132  
Rosyane Silwa, 133  
Boneca preta, 134  
Irmão de todo mundo, 135  
A princesa Isabel, 136  
Minha tia Maria, 137

São Benedito do Tietê, 138

Meus pais, 139

A volta de Zumbi, 140

Este ano, 142

Profecia, 143

POEMAS INÉDITOS (2018-20)

Conselho, 147

Adivinha, 148

Zé Tambor, 149

Não sou preto, 150

Bala perdida, 151

Eu também sou, 152

No planalto de Brasília, 153

Vim da África, 154

Quem mandou matar Marielle, 155

*Posfácio: Carlos de Assumpção, uma história que grita*

— Alberto Pucheu, 157

## Posfácio

### Carlos de Assumpção, uma história que grita

*Alberto Pucheu*

“Há muitas histórias/ Sobre os meus avós/ Que a História não faz/ Questão de contar”, escreve Carlos de Assumpção no poema “Meus avós”. Nascido em 1927 em Tietê, o poeta vive desde 1969 em Franca, no estado de São Paulo. Veio de uma família, segundo ele mesmo, paupérrima. É neto de Cirilo Carroceiro, beneficiário da Lei do Ventre Livre, analfabeto, que, na infância de Carlos, junto de uma fogueira no quintal, lhe contava histórias que se contrapunham ao que o menino aprendia sobre os tempos da escravidão nos livros supostamente educativos da escola. E é filho de um pai igualmente analfabeto, exímio contador de histórias, e de uma mãe alfabetizada, que trabalhava cozinhando e lavando roupa para fora, sendo, ainda, uma amante de poesia, à qual se dedicava a ponto de ensaiar poemas com as crianças da Sociedade Beneficente 13 de Maio, para que se apresentassem nas festividades negras.

Foi nessa família leitora de poemas, narradora, fabuladora e politizada (ativa em associações militantes negras na década de 1930, como a Frente Negra Brasileira e a sociedade anteriormente citada), na qual a transmissão oral da história entrava em contradição com a história oficial do país, que o pensamento e a imaginação de Carlos de Assumpção se formaram. O gosto pela leitura veio dos livros que a mãe trazia da biblioteca da igreja para casa; a paixão pela poesia se expandiu ouvindo os cururueiros e outros poetas populares de sua cidade e das vizinhas. Em “Canção de amor”, relembrando sua terra, o poeta escreve: “Eu quero ouvir as vozes imortais de seus poetas,/ Valério, Cornélio Pires, Joaquim Cruz, Luís Martins, Aécio,/ Rossini, Euclides, Gomide, Josias, Fuzilo e outros mais”.

Depois de morar em São Paulo e trabalhar em empregos informais (por exemplo, como ajudante de caminhoneiro e faxineiro do jornal *O Estado de S. Paulo*), fez o curso normal, tornando-se professor de crianças em escolas do interior do estado. Consolidou sua vida em Franca, onde, depois de completar quarenta anos, cursou as faculdades de letras (português-francês) e direito na Unesp.

Não hesito em incluir Carlos de Assumpção entre os poetas mais importantes de nossa tradição, do século xx e do cenário contemporâneo, com poemas que se igualam ao que há de mais significativo em Castro Alves, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto e Ferreira Gullar. Com uma di-

ferença, porém, decisiva: a de poetizar nossa história a partir do testemunho dos negros, de um eu simultaneamente pessoal, histórico e político, do corpo e da memória de vidas escravizadas, torturadas e assassinadas, submetidas a um negrocídio. Poemas como “Protesto”, “Meus avós”, “Cavalo dos ancestrais”, “Eclipse”, “Poema verídico” e “Que negros somos nós” são paradigmáticos nesse sentido.

Ao sinalizar uma de nossas faltas fundadoras e revelar a exclusão como estratégia de domínio colonizador — com consequências drásticas em nosso tempo —, a poesia de Carlos de Assumpção se apresenta como uma fundação tardia do Brasil. Ela é uma aposta ética e política num outro passado e num outro presente, no qual os negros finalmente teriam visibilidade afirmativa. Atrever-se a falar, a pensar e a criar como faz este poeta é reverter a história escravocrata na qual, como um modo extremamente eficaz de dominação colonial, o silêncio dos oprimidos foi naturalizado e a manifestação dos negros impedida por meio da violência tanto física como simbólica. É aqui que Carlos de Assumpção assume como poucos o papel de ocupação do discurso, expondo os conflitos paradoxais formadores dos negros no Brasil, com o objetivo de participar da luta por um futuro mais justo.

Escrito em 1956, “Protesto” foi recitado pela primeira vez em público em 1958, na Associação Cultural do Negro, em São Paulo. Na Associação, Carlos se tornou amigo de Solano Trindade, Oswaldo de Ca-